



3 DE FEVEREIRO

Eduardo Mondlane por quem o conheceu

A personalidade de Eduardo Mondlane, Primeiro Presidente da FRELIMO e arquitecto da Unidade Nacional, foi e será sempre alvo de exaltação. Nesta singela homenagem àquele que foi a fonte de inspiração da Unidade Nacional dedicamos algum espaço à

publicação de extractos de discursos, mensagens, exaltações feitas por personalidades nacionais e internacionais bem como de depoimentos colhidos junto de pessoas que com ele conviveram. A nossa intenção será simplesmente uma ínfima gota para um esboço do retrato deste revolucionário que uniu em torno de si todos aqueles que desejavam viver livres e independentes porque como dizia «a nossa escolha não é entre viver ou morrer, mas sim entre viver livres ou escravizados», frase que resume o pensamento político e a estatura revolucionária de Mondlane.

VISÃO CIENTÍFICA DE MONDLANE INSTRUMENTO IMPORTANTE DA LUTA

● **Marcelino dos Santos**

O Presidente da Assembleia Popular, Marcelino dos Santos defende, em entrevista à «Tempo», que o conhecimento científico de que era possuidor o Presidente Eduardo Mondlane e o das realidades dos movimentos nacionalistas africanos lhe permitiram conseguir unir em torno de si as forças que lutaram pela independência de Moçambique.

TEMPO — Quando foi que o Presidente da Assembleia Popular se encontrou pela primeira vez com o Presidente Eduardo Mondlane?

MARCELINO DOS SANTOS — A primeira vez que me encontrei com o Camarada Presidente foi em 1950, na Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa.



1968:
Eduardo Mondlane
e Marcelino
dos Santos na ONU

Mondlane tinha sido expulso da África do Sul. Naquela altura tinha entrado já na Universidade de Witwatersrand, mas sobreveio a ascensão do Partido Nacionalista, o partido do «apartheid» no poder. Então a universidade foi vedada para negros e a Mondlane em particular. Veio a Moçambique em 1948. Aqui, naturalmente, foi perseguido pela PIDE e interrogado. Queriam saber exactamente o que é que fazia e por que é que foi expulso da África do Sul. Mas eles sabiam muito bem porque eram amigos da África do Sul. Era o receio de ver crescer um moçambicano já com uma formação universitária.

Provavelmente na altura, recebavam também que o impacto das realidades concretas do nacionalismo sul-africano poderia ter influência sobre Mondlane. Por essas razões, Mondlane voltou a Moçambique e criou ainda o Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique (NESAM). Mas face às



Numa das visitas à China, durante a Luta Armada, como Presidente da FRELIMO

perseguições movidas pela PIDE, ele consegue uma bolsa de um fundo de Nova Iorque que permite que ele vá para Lisboa.

Então nessa altura nós nos encontramos. Mas ele fica pouco tempo, pelas mesmas razões. Quer dizer a situação do fascismo em Portugal que naturalmente todos os estudantes africanos éramos alvos. Então Mondlane consegue a transferência da bolsa de Lisboa para os Estados Unidos da América. Foi nessa curta estada de Mondlane em Lisboa que nós nos conhecemos. Na altura estava lá também Noémia de Sousa, o Camarada Presidente Agostinho Neto, Mário de Andrade, e Amílcar Cabral.

T — Nesse período já se avançava em algum projecto da necessidade da independência, já que se encontravam muitas das personalidades que estive-

ram, mais tarde, envolvidas nos movimentos de libertação?

M. S. — O trabalho que na altura nós fazíamos era um trabalho de afirmação da personalidade dos nossos povos, personalidade do povo angolano, do povo cabo-verdiano, do povo guineense e também do povo moçambicano. E fazíamos através de: primeiro, incentivar e de falarmos sobre esta exigência da liberdade e da independência. Mas sentíamos bem a situação que era a nossa. Então falávamos desses problemas e fazíamos trabalhos visando a divulgação daquilo que estava acontecendo nos nossos países. Quer dizer a situação de opressão e dominação. Isso fazia-se sob a forma de palestra e sob a forma literária, porque havia revistas lá na Casa do Império em que se publicavam poemas.

Portanto este é o trabalho que nós fazíamos e paralelamente a isto já havia a ideia de criarmos uma ligação entre aqueles que estavam a estudar na Europa, neste caso Portugal, e os nossos países. Naquela altura já existiam estas ideias todas, mas obviamente embrionárias.

T — Quando o Presidente Mondlane, em 1961, vem a Moçambique já tinha tido contactos com o Presidente Nyerere, como funcionário das Nações Unidas. E então se adiantam as ideias da Fundação de um movimento unitário já na Tanzania, V. Exa. já estava lá nessa altura?

M. S. — Sim quer dizer Mondlane veio a Moçambique no contexto de um projecto. É bom recordar que depois do regresso aos Estados Unidos pede a demissão das Nações Unidas. Este não é um acontecimento accidental... não. Mondlane termina a sua formação em 1956. Então de 1957 a 1961 ele trabalha nas Nações Unidas.

Este período que ele trabalha como funcionário permite-lhe adquirir uma compreensão maior ainda sobre as realidades do nosso continente mas também as realidades mundiais. E sobretudo ver o processo que se estava desenrolando das independências africanas. Gana torna-se independente em 1957 e depois a Guiné Conacry em 1958. E todo o processo que ia levar até ao ano de 1960, o chamado ano das independências africanas, porque é nessa altura que muitos países essencialmente países antigas colónias francesas se tornam independentes.

Havia também, no que diz respeito à nossa zona aqui, o processo desencadeado da independência, em particular na Tanzania. E Mondlane que era funcionário das Nações Unidas conhece então Nyerere. Mas mais do que conhecer Nyerere, apoia Nyerere. Julius Nyerere, Presidente da Tanzania como peticionário (quer dizer aquele que apresentava às Nações Unidas o que eram as preocupações do povo de Tanganhica).

Mondlane funcionário das Nações Unidas conhece e apoia Nyerere porque conhece os mecanismos das Nações Unidas e favorece-o. Estabelece então relações com Nyerere. E Nyerere diz abertamente: Mondlane quando você estiver pronto, mal que o meu país estiver em condições, você tem lugar lá em Dar-Es-Salaam.

Durante estes anos todos Mondlane tinha contactos com vários moçambicanos. E, naturalmente

muitos deles que estavam situados fora do país e que falavam desses problemas do nacionalismo e da independência nacional e solicitavam a sua participação muito concretamente as responsabilidades, que Mondlane tem.

Portanto, o trabalho nas Nações Unidas e o contacto com as realidades africanas e em particular internacionais e o trabalho que veio fazer em 1960 nos Camarões, permite a Mondlane organizar-se de tal modo a vir a Moçambique nas condições menos difíceis. Ele veio como funcionário das Nações Unidas e aqui em Moçambique fica três meses. Quer dizer que no documento de viagem vinha como funcionário das Nações Unidas. Isto era uma capa, uma defesa e naturalmente as autoridades portuguesas não podiam agir contra ele.

Os portugueses aqui quiseram criar sempre a barreira entre Mondlane e nós, o povo moçambicano, dando-lhe condições, organizando-lhe recepções aqui e em Gaza, para impedir que Mondlane tivesse contactos. Mas isso não impediu que Mondlane pudesse contactar com muitos moçambicanos e em particular com Samora Machel aqui mesmo. E ficou claro que eles se iam encontrar mais tarde.

Portanto, a vinda de Mondlane a Moçambique já está dentro de um projecto de Mondlane de criar as condições e conhecer bem a situação para realizar também em Moçambique o processo de libertação. É assim que Mondlane ao regressar para as Nações Unidas, decide demitir-se de funcionário das Nações Unidas, porque como funcionário das Nações Unidas ele não podia ter uma acção directa contra o colonialismo português, mas também por causa do problema do tempo. Então procura um emprego que lhe permitisse deslocar-se para onde quisesse. E o emprego que facilmente conseguiu foi de professor numa universidade.

É assim que Mondlane cria as condições para ele pessoalmente poder vir a Dar-Es-Salaam e portanto inserir-se muito directamente no processo da Luta de Libertação.

Mas toda a sua vivência, todo o conhecimento que obteve sobre as realidades africanas e sobre, portanto, o que seriam as condições para um desenvolvimento útil, desses sucessos do processo da Luta de Libertação Nacional levou-o à compreensão da importância da unidade. É por isso que mesmo ainda nos Estados Unidos antes de vir a Dar-Es-Salaam, Mondlane faz saber que não posso participar senão no contexto unitário. É por isso que quando Mondlane vem a Dar-Es-Salaam em 1962 diz a todos que não posso ser membro de nenhum dos movimentos existentes.

Mondlane disse abertamente que não vou ser membro da UDENAMO, da MANU, porque sei que isso não dá. E ele foi muito inteligente porque viu que tinha ele próprio a virtude daquilo que era a sua pessoa, ele tinha a possibilidade de influenciar no sentido positivo. Utilizou este elemento como elemento de pressão sobre os outros moçambicanos. Todos nós aceitámos isso e se digo que nós é porque eu era da UDENAMO.

É claro que nestes casos há sempre um ou dois

que se mostram renitentes e no nosso caso foi por exemplo do Adelino Guambe, que era Presidente da UDENAMO antes. Esse recusou-se e outros que o acompanharam. Mas foi assim que foi possível esta unidade.

Eu gostaria de lhe indicar que o que permitiu realmente a acção de Mondlane, com muita força, com muita veemência foi o facto de que Mondlane teve sempre um sentido de progresso, de como e em que circunstâncias os passos devem ser dados.

Ele próprio Mondlane disse que: «olha, a minha mãe fez uma pressão muito forte para eu estudar». Ela compreendia e disse a ele que os tempos são outros é preciso realmente estudar. Ele próprio indica que aos 11 anos foi estudar pressionado pela mãe, porque ele não sentia nenhuma necessidade sentia-se bem onde estava. Quando adquiriu esse gosto que lhe foi inculcado pela mãe, estudou.

Se nós olharmos agora para esse tempo, nós vimos que realmente naquele tempo um dos instrumentos importantes para se singrar era precisamente estudar. Ter um diploma, ser um doutor como diziam os portugueses. E Mondlane construiu esse instrumento. Depois de construir esse instrumento, ele procurou como utilizar esse instrumento. Criou as condições todas para que pudesse o movimento nacionalista moçambicano se desenvolver.

Esta demarche, esta maneira de ser e de fazer de Mondlane, a exigência de conhecimentos sempre completo, a exigência de um julgar sempre colectivo da situação, o acompanhou sempre durante a formação da FRELIMO, no processo de desenvolvimento da FRELIMO. O processo de libertação durou muitos anos. Durante esse período houve muitas situações que foram acontecendo em que este sentido da unidade de Mondlane se revelou. Este sentido da necessidade de conhecer as situações concretas para que a decisão seja a mais justa sempre acompanhou Mondlane.

T — Será que foi com o assassinato do Presidente Mondlane que se iniciou a agudização das contradições na FRELIMO?

M. S. — Não... não, porque a acção contra Mondlane ou aliás os problemas na FRELIMO, os assassinatos não começam depois de Mondlane morrer. A questão já é muito mais vasta. Mas todas estas questões foram precisamente as questões fundamentais do II Congresso da FRELIMO, em Matchedje. Aí é que foi realmente o momento em que todos os problemas foram discutidos e todas as contradições foram trazidas à superfície. Em que a linha revolucionária da FRELIMO triunfou.

É bom também recordar que Mateus Sansão Muthemba é agredido em Maio de 1968, antes do Congresso e morre um mês depois, em Junho, atacado pelo grupo de Gwengere. Também o Camarada Presidente Joaquim Chissano foi vítima. Tentaram agredi-lo, mas ele escapou com muita sorte. É preciso dizer que com muita arte. Teve sangue frio suficiente para conseguir fazer as acções necessárias para poder escapar.

Quando vem o Congresso e triunfa a linha revolucionária estes elementos passam abertamente ao

ataque de responsáveis. É assim que criam grupos para razer emboscadas nos caminhos que nós utilizávamos para passar da Tanzania para Moçambique e vice-versa. Portanto, foi a vitória da linha revolucionária que levou estes mesmos reaccionários ao caminho do crime e do assassinato.

Quando Mondlane é assassinado com a bomba armadilhada num livro, isso é já a continuação do processo. Nesse 3 de Fevereiro, que era uma segunda-feira, Mondlane, foi ao escritório, levantou os documentos, a correspondência e levou também esse livro que estava embrulhado. Foi para outro local de trabalho à beira da praia para trabalhar em melhores



Em companhia de Pascoal Mocumbi coloca um ramo de flores num dos monumentos soviéticos durante uma visita que efectuou à União Soviética (1966)

condições e quando estava a abrir os documentos os jornais, cartas, abriu também o livro. Num manhã de segunda-feira por volta das 9,10 horas. Numa certa medida estes foram os últimos actos.

A morte de Mondlane não foi o começar das crises. Já tinham começado antes e muito menos foi o início das contradições. A vitória da linha revolucionária era já um facto que estava sendo implementado. É preciso dizer que esses crimes não pararam o ímpeto dessa vitória, antes pelo contrário aceleraram.

Os crimes dos bandidos, desses reaccionários não reduziram aquele ritmo que tinha sido construído no próprio Congresso. A morte de Mondlane não impediu em nada. Tudo já estava claro. E então avançamos mais rapidamente. Daí o desenvolvimento que a luta teve. É isto portanto sobre as crises que tiveram lugar e como vê-las e como naturalmente Mondlane se situa nelas.

T — Na actualidade ainda estamos em luta. Que ideias desse processo da Luta Armada de Libertação que são fonte de inspiração para esta batalha que estamos travando?

M. S. — Bom, penso que o processo de debate integrado na preparação do V Congresso já indica quais são esses caminhos. Porque ao fim e ao cabo a experiência do trabalho de Mondlane é realmente hoje a experiência e o trabalho da FRELIMO. Por isso é bom dizer que esta compreensão para realizar uma acção se enquadra nessa experiência.

Mondlane é um homem de ciência. A sua acção, uma acção científica, eu acho que é muito importante. Porque uma visão científica ajusta-se perfeitamente a uma visão popular, a uma visão democrática.

Agora, naturalmente, nós estamos a falar em 1989 e, claro, podemos sempre ajustar e construir o campo. Mas eu dizia há pouco, que o facto de Mondlane ter dito que eu vou-me diplomar, nós devemos concluir que sim, aquele foi um caminho correcto naquela altura para fazer o trabalho. Quer dizer um indivíduo participa numa acção, mas há uma parte que é individual, da construção do indivíduo. O indivíduo se constroi, se constroi no trabalho, mas também ele tem uma parte a dar para a sua própria construção e, sobretudo, naquele tempo em que para pensar nesses problemas não podia pensar em voz alta.

As raízes populares de Mondlane, Mondlane andou a pastar e só foi para a escola com 11 anos, sabemos nós que naquela altura a 4.ª classe era o máximo que um africano, um negro moçambicano podia atingir aqui... nós não devemos esquecer isso. Mondlane fez esse esforço pela mãe, mas construiu-se, dando a si próprio alguma capacidade para depois ir trabalhar com os outros. Foi um esforço que fez para construir um instrumento.

Portanto esse esforço em que nós damos o melhor de nós próprios para poder trabalhar, para fazer o melhor possível individualmente falando, tem que ter uma exigência de uma formação científica. E hoje, em 1989, é óbvio que para fazer a nossa casa é necessária uma formação científica. Depois, é esta exigência do conhecimento concreto das realidades e saber que acções é que são necessárias para realizar, que instrumentos é preciso construir para realizar determinada acção.

Este trabalho que Mondlane fez de conhecer as condições concretas, isto de conhecer o processo as lutas de libertação enquadra-se nessa busca de utilização do seu instrumento. Então veio conhecer a realidade, o papel e o lugar da tribo, da etnia e o papel e o lugar da nação e como fazer para que o trabalho possa ter sucessos. Sentia esta exigência de liberdade. E ele compreendeu que a única forma de libertação seria a independência nacional, e hoje libertação tem nome concreto e o nome concreto é o socialismo.

Mondlane teve esta clareza que para liquidar todas essas dominações, discriminações, o caminho era construir a independência nacional. Para tal era preciso que todos trabalhássemos. Quando nós dizemos que fomos dominados porque nós estávamos divididos é verdade. Mas naquela altura a nossa divisão em tribos era uma coisa natural.

Não tínhamos tido ocasião para nos unir, nem

sabíamos que fazíamos parte de uma nação, porque não fazíamos parte de uma mesma identidade. A opressão levou-nos a compreender mais tarde que a libertação exigiria que nos uníssemos. (...) Quer dizer que havia uma categoria histórica que era a tribo. E era preciso fazer a transformação desta categoria histórica para outra categoria histórica que é a nação. Portanto, as categorias históricas, digamos, que são um abstracto sobre os quais se regem as liberdades e os povos se sentem realmente realizados e estáveis. Nós passámos da tribo para a nação. Estamos consolidando a nação.

Agora, temos uma visão científica das coisas e avançar. A partir daí seja qual for a dificuldade não

parar. Mondlane não parou. Portanto, o exemplo de Mondlane é isto. Ontem liberdade era independência nacional, hoje liberdade é socialismo. E não se pode parar. Por isso este exemplo de convicção que é dado pela clareza científica, ideologia e política faz com que não recuemos. Estamos claros que liberdade tem um único nome é o socialismo. E nós não podemos parar, andar a transversar.

A ciência realmente, a visão popular e democrática, tudo isso está junto. E achamos que é bonito que assim seja e nós achamos que é este o caminho que devemos seguir no nosso país. E sempre, mais uma vez todos nós participarmos nesta luta contra os bandidos armados. □